

AS MOEDAS DE CONSTÂNCIO II NO ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO: CARACTERÍSTICAS* .

CLAUDIO UMPIERRE CARLAN

1 – Introdução

A moeda tem sido estudada pelos historiadores sob o prisma de mercadoria, objeto de troca. Procurou-se ligá-la com a história social, ou seja, com os reflexos que a mutação monetária produzia na sociedade a nível de salários, custo de vida e os conseqüentes comportamentos coletivos perante estes. O estudioso da moeda se tem preocupado mais com o corpo econômico e social que ela servia do que com o metal que a produzia e a informava. Estruturalmente este ultrapassava os limites geográficos do poder que a emitia e definia ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que este pertencia.

O homem contemporâneo dificilmente pode ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Ao possuidor romano de uma determinada espécie monetária estranha, esta falava-lhe pelo metal nobre ou não em que era cunhada, pelo tipo e pela legenda. O primeiro informava-o a riqueza de um reino e os outros dois elementos diziam-lhes algo sobre a arte, ou seja, o maior ou menor aperfeiçoamento técnico usado no fabrico do numerário circulante, sobre o poder emissor e, sobretudo, sobre a ideologia político-religiosa que lhe dava o corpo. É dentro deste último aspecto que pretendemos explorar a fonte numismática.

* Esse trabalho trata-se de um resumo do segundo capítulo da Dissertação de Mestrado “Moeda, Simbologia e Propaganda sob Constâncio II”, orientado pelo prof./dr. Ciro F.S. Cardoso. Defendida em outubro de 2000 na Universidade Federal Fluminense.

No caso deste artigo, concentraremos nossos estudos nas cunhagens realizadas por Constâncio II, que governou o Império Romano entre os anos 337 a 361, herdeiro da política administrativa do pai, Constantino I.

1. Acervo e Origem

O corpus documental aqui abordado faz parte do acervo existente no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro (MHN / RJ), considerado o maior da América Latina, com mais de 100 mil peças das mais variadas procedências. Destas, 1824, das 30 mil moedas romanas, pertencem ao século IV d.C., representando todos os imperadores, imperatrizes e usurpadores do período. Aproximadamente 259 foram cunhadas a mando de Constâncio II. Isto é determinado pelo fato de possuírem a sua efígie, ou por mostrarem eventos importantes ocorrido durante o seu governo. Isto tanto em suas nomeações como “César” (NOB C), entre os anos de 324 a 337, quanto nas de “Augusto” (AVG), 337 a 361 (anexo p. 12 a e b). Trata-se, a nosso ver, de um grupo de moedas bastante representativo do período e dos seus respectivos centros emissores, espalhados pelo mundo romano.

Grande parte dessa coleção é composta por moedas de bronze, naturalmente mais gastas, devido à sua maior circulação nas camadas mais populares do Império, que as de prata ou de ouro. E, artisticamente falando, de categoria inferior, estão determinadas por fatores históricos precisos e definidos; o seu estudo pode vir a elucidar traços fundamentais do momento histórico em que essas peças se difundem.

A origem da coleção é um tanto obscura. O corpo técnico do museu acredita que a maior parte das peças foi legado, em 1921, da grande coleção reunida pelo comendador Antonio Pedro de Andrade à Biblioteca Nacional, onde o seu antigo diretor, Ramiz Galvão, desde 1880 havia começado a formar o que mais tarde viria a ser a “coleção oficial brasileira”.¹

¹ VIEIRA, Rejane Maria Lobo. A Imagem do Rei e do Reino de Portugal Através das Moedas de D. Fernando (1367-1383). Niterói: Instituto De Ciências Humanas e Filosofia, 1994, p. 23.

Antonio Pedro reuniu uma coleção de 13.941 moedas e medalhas que compreende, entre outros núcleos expressivos, 4.559 moedas e 2.054 medalhas portuguesas e 4.420 moedas da Antigüidade.

É também possível que alguns exemplares sejam precedentes das coleções da família imperial, legadas pelo imperador D. Pedro II ao Museu Nacional em 1891 e incorporadas pela Biblioteca Nacional em 1896².

Em 1922, quando o Museu Histórico Nacional foi criado, o decreto que o instituiu também determinou que o acervo numismático existente na Biblioteca Nacional – assim como em outras instituições como o Arquivo Nacional e a Casa da Moeda – fosse para ali transferido. No momento em que se efetivou a cessão, a coleção total ultrapassava as 48 mil peças. Hoje ela chega a aproximadamente 109 mil.

2- Técnicas de Produção

O primeiro estágio na produção das moedas é a fabricação de um disco metálico, seja fundido e moldado, seja recortado de uma placa. Esse disco é colocado entre dois cunhos gravados, o de baixo preso a uma bigorna e o de cima seguro na mão ou com o auxílio de uma pinça. Com o disco no lugar, a pressão de um martelo sobre o cunho superior é suficiente para imprimir o desenho em ambos os lados simultaneamente.³

A cunhagem de moedas empregava mão de obra escrava. Parece ser que quatro homens, pelo menos, eram necessários: um para colocar o disco na posição, outro para segurar o cunho superior, um terceiro para manejar o martelo e o quarto para retirar o produto final. O alinhamento incorreto do anverso em relação ao reverso, fenômeno bastante comum na amoedações de Constâncio, deve-se provavelmente à rapidez da produção e sugere que não existia um cuidado especial para colocar os discos.

De modo geral, o ouro foi o metal com maior grau de pureza em pregado na fabricação monetária desde a República até Constâncio II. Os níveis de pureza chegaram até 98% muitas vezes, mas caíram a 50% nas emissões de Septímo Severo.

² Idem, *Ibidem* – *op.cit.* p. 23.

³ SINGER, Charles. HOLMYARD, E. J. and WILLIAMS, Trevor. *A History of Technology. The mediterranean civilizations and the Middle Ages c. 700 B.C. To c. A.D.* Oxford: At the Clarendon Press, 1956, p. 490.

Tais fenômenos não refletem apenas motivos econômicos; refletem também aspectos como a eficiência na produção em relação aos custos. Metais menos valiosos e mais abundantes, e que circulavam mais, também eram adulterados com mais frequência. Por exemplo, a liga denominada *orialco*, uma das ligas feitas com cobre, obtinha uma durabilidade maior ao aumentar-se a quantidade de zinco.

A fase mais demorada e que exigia maior habilidade na produção das moedas era a da gravação dos cunhos. A maioria deles parece ter sido fabricada de bronze com grande quantidade de estanho. Os cunhos deveriam ser suficientemente densos para suportar os inúmeros golpes de martelo. Às vezes era colocada, ao redor do cunho superior, uma capa de ferro para evitar rachaduras.

O cunho era fundido em um caniço com um dos lados arredondado e o outro reto. Neste era gravado o desenho com uma goiva com ponta de diamante ou de aço⁴. Na medida em que o desenho exigisse mais detalhes, utilizavam-se instrumentos cada vez mais delicados. Geralmente as inscrições e os detalhes mais delicados, como a efígie, eram feitos a mão.

A proximidade das técnicas de fabricação das gemas e dos cunhos monetários levou os especialistas a admitirem a possibilidade dos mesmos artistas trabalharem numa e noutra atividade, ainda que não seja de nosso conhecimento a existência de alguma documentação que comprove ou refute esta hipótese.

3- Símbolos Monetários

O homem, durante a sua passagem pelo planeta, desenvolveu diversas formas simbólicas, tanto artísticas quanto lingüísticas, expressas pela sua consciência. A respeito, e ao tocante ao nosso tema, podemos afirmar que “...os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder”⁵.

As práticas do poder — e seus simbolismos — atuam, de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas. E, em toda a sociedade, através das idéias da

⁴ Idem, *Ibidem* – *op. cit.*, p. 491.

⁵ DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. 2A. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987, p. 1115.

classe dominante, predominam, oralmente ou através da escrita. Cardoso diz que “...é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica...”⁶.

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzeiros⁷, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado.”⁸ Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*.”⁹

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

“ Sem dúvida alguma é o terreno das idéias políticas e a propaganda onde é mais fecundo o serviço da Numismática à História...[Devemos] refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efigie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Augusta*...são slogans, propaganda.”¹⁰

⁶CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. Os Métodos da História. 2a. ed. Tradução de João Maia. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p. 397.

⁷FLOR, Fernando de la. Emblemas Lecturas de la Imagen Simbólica. Madrid: Aliança Editorial, 1995, p. 183.

⁸Idem Ibidem - op. cit. p.186.

⁹CASSIRER, E. Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p.70.

¹⁰ROLDÁN HERVÁS, J. M. Introducción a la Historia Antigua. Madrid: Ediciones Istmo, 1975, p. 166.

Samaran também descreve a importância da numismática, tanto econômica e sociológica quanto estética. Para isto, realiza uma análise dos tipos monetários e da paleografia romana, destacando a originalidade da idéia da *fortuna*¹¹, representada no reverso de várias peças. O próprio termo *denier*, *denaro*, *dinero*, *dinar*, *d'argent*, são derivações de *argentus*, moeda de prata cunhada no vasto Império Romano.

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

“...isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista...”¹²

Pascal Arnaud destaca que nas moedas da Antigüidade Clássica, gregas e romanas, o anverso é a parte hierarquicamente mais importante¹³, pois nele é encontrado a efígie de quem ordenou sua cunhagem, juntamente com o título, no caso romano, de DIVVS ou AVG. Um espécie de retrato dos seus chefes, emitido pelo Estado. Em matéria de tipologia monetária, são consideradas como retratos todas as imagens que pretendem representar seus líderes ou “humanos concretos”, na sua qualidade de pessoas individuais, quer assumam aspectos realistas, quer, pelo contrário, correspondam a interpretações idealizadas ou quase simbólicas. Tanto Arnaud como Gomes Marques as definem como verdadeiros retratos, embora possam existir múltiplos desvios da realidade. Mesmo assim,

¹¹ SAMARAN, Charles. *L'Histoire et ses Methodes*. Paris: Librairie Gallimard, 1961, p. 328.

¹² DONDIS, Donis. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução de Jefferson Luis Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 184.

¹³ ARNAUD, Pascal. *Le Commentaire de Documents en Histoire ancienne*. Paris: Belin Sup, s/d, p. 195.

trata-se de algo bem diferente da Idade Média, quando, tirando poucas exceções, não existiam preocupações evidentes de semelhança com as individualidades representadas.

Esses retratos monetários contam-nos muito, por exemplo, sobre as mulheres da família imperial. Segundo Orlandoni, era a forma mais comum de propaganda¹⁴. Consistia em escolher uma imagem para as mulheres da casa imperial que fosse condizente com o papel desempenhado pelas mulheres em geral na sociedade romana, incluindo as imperatrizes, ou as próximas a elas, nos cultos do Estado. Era comum o imperador associar-se às suas esposas nas representações das cunhagens monetárias.

O culto da virtude (*virtus* anexo p.), que significa coragem, representada por uma imagem masculina, merece uma análise mais detalhada pois, além das inscrições nas moedas, pode ser rastreado na literatura. Como instrumento de propaganda imperial, ajuda a definir a natureza de um determinado governo e a compreender a ideologia do imperador como o centro da concepção de um universo organizado.

Segundo Mendes, são estas concepções ideológicas, constituindo uma espécie de direito divino, do governante, de influência persa, no qual ocorre uma aproximação com a divindade¹⁵. Tudo o que rodeava os imperadores, pagãos como Juliano ou cristãos como Constâncio II, era considerado sagrado. Nas numárias cunhadas no período, nota-se na efígie a auréola cingindo a cabeça do governante. Ocorre uma exaltação ou, até mesmo, uma legitimação do poder real.

Essas representações são comumente alegóricas ou simbólicas e a mensagem que transmitem vai, quase sempre, além dos traços visíveis. Encontram-se com frequência, nessas moedas, nomes de cidades, países, festivais, monumentos famosos, divindades, membros de uma família, que auxiliam na interpretação do seu significado e sentido.

Tratava-se de uma exposição de idéias, uma composição de emblemas, como o barrete frígio que tem o significado de liberdade, a cornucópia que remete à abundância, e a concórdia representa a união dos esforços. Em alguns casos também são representadas por mãos estreitadas. Outras coberturas, como o véu, que pode indicar modéstia ou viuvez, barretes e elmos, indicando campanhas militares, a ornamentação com

¹⁴ ORLANDONI, Mario. Imitazioni di Monete Romane in Brnze emesse fra il IV ed V secolo. Rinvenute negli scavi archeologici in Valle d'Aosta. Ermanno A. Arslan Studia Dicata. V. 2. Milan: Edizioni Ennerre, 1991, p.167.

a coroa de louros (laureadas), que tendem a assimilar aqueles que as levam à divindade, também são comuns nas representações monetárias.

Devemos deixar claro que qualquer sistema de símbolos é uma invenção do homem. Os sistemas simbólicos que chamamos de linguagens são invenções ou refinamentos do que foram, em outros tempos, percepções do objeto dentro de uma mentalidade despojada de imagens, tornando a linguagem visual universal. Dondis ainda acrescenta que:

“Enquanto meio de comunicação visual impregnado de informação de significado universal, o símbolo não existe apenas na linguagem. Seu uso é muito mais abrangente. O símbolo deve ser simples e referir-se a um grupo, idéia, atividade comercial, instituição ou partido político...”¹⁶

A impressão iconográfica das moedas, deixando-se de lado as inscrições, revela figuras diversas: animais, vegetais, brasões, objetos, edifícios e emblemas mais ou menos estilizados (anexo p. 13). Geralmente, estas figuras referem-se ao local de cunhagem e à respectiva autoridade, designada de um modo claro para os seus contemporâneos por uma figura, uma atitude, ou atributos cujos significados hoje muitas vezes nos escapam.

¹⁵ MENDES, Norma. Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 124.

I. FONTES

1.1- NUMISMÁTICA

Moedas de Constâncio II, Rio de Janeiro: acervo do Museu Histórico Nacional, Medalheiro de Número 3;

Lote Número: 26, Lâminas de Números: 2, 3, 4, 5, 6; Lote Número: 27, Lâminas de Números: 1,2,3,4,5,6; Lote Número: 28, Lâminas de Números: 1, 2, 3,4, 5, 6; Lote Número: 29, Lâminas de Números: 1, 2, 3; Dando um total de 259 peças.

1.2 – IMPRESSAS

CODEX THEODOSIANUS. Ed. P. Krueger, Berolín, Weidmannos, 1923.

SCRIPTORES HISTORIAE AUGUSTAE. 3V. Paris: CLF Panckoucke, 1844.

II. DICIONÁRIOS / ENCICLOPÉDIA

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

COHEN, Henry. Description Historique des Monnaies.Frappés Sous L'Empire Romain. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollim e Feuarent, Éditeurs, 1880-1892.

¹⁶ DONDIS, Donis. Op. cit., p. 93.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

III. BIBLIOGRAFIA

DEPEYROT, G. Economie et Numismatique (284-491). Paris: Errance, 1987.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. Cunhagens e Circulação Monetária na Magna Grécia e Sicília Durante a Expedição de Pirro (280-272 a.C.). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1986.

LE GOFF, Jacques e NORA, P. (Dir). História: Novas Abordagens. 3a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna. México: FCE, 1993.

MARQUES, Mario Gomes. Introdução à Numismática. 1a. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.

NIETO SORIA, Jose Manuel. Ceremonias de La Realeza. Propaganda y Legitimacion en La Castilla Trastámara. Madrid: Editorial Nerea, 1993.

Anexo a)



Anverso: FL IV CONSTANTIVS NOB C; busto encouraçado, diademado, à direita. È comum nas cunhagens com essa titulação NOB C (nobilíssimo César, título exclusivo dos membros da família imperial) a imagem do imperador com roupas militares (encouraçado).

Reverso: GLORIA EXERCITVS; dois legionários, armados de hastes com armadura, cabeças voltada para o centro da peça. Acima do estandarte central o símbolo O. A legenda demonstra a importância do exército no Quarto Século Cristão. No exergo ou linha de terra SCONSG. Cunhada no ano de 337 em Constantinopla.

Denominação: *AE 4*. Peso: 1,96 g.

Anexo b)



Anverso: DN CONSTANTIVS PF AVG; busto diademado à esquerda, com o manto imperial. À esquerda, na mão direita, o globo, símbolo do poder real. A letra N, um dos símbolos que identificam as cunhagens de Constâncio II, à direita.

Reverso: GLORIA ROMANORVM; imperador representado a cavalo, de armadura, lança, salto sobre uma inimigo suplicante. Novamente a letra N à esquerda. O cavalo sobre as duas patas (semelhante a São Jorge) pisoteia o escudo do inimigo. A auréola em volta da cabeça do cavaleiro diviniza a imagem do imperador. Exergo RT. Cunhada em Roma no ano de 350.

Denominação: *AE centenionalis*. Peso: 4,53 g.

Anexo c)



Anverso: FL IVL CONSTANTIVS NOB C; busto diademado à esquerda, com manto imperial e o globo à esquerda, perto da mão direita.

Reverso: PROVIDENTIAE * CAESS; Representação de uma fortaleza, campo militar com duas torres. Uma estrela logo acima. Segundo Cohen seria parte de um campo militar. Gomes Marques acrescenta que, tanto as peças de Constâncio II como a de seu pai, Constantino, são as que melhor representam os temas que envolvem as construções (portões de Trêves ou Trier). Exergo SMANTH. Cunhada entre os anos de 324-337 em Antioquia.

Denominação: *AE 3* Peso: 2,17 g.